

PERFIL INTELECTUAL DE CELSO CUNHA

Cilene da Cunha Pereira
UFRJ

A madrugada de 10 de maio de 1917 trouxe a Teófilo Otoni – cidadezinha do nordeste de Minas Gerais, terra das águas marinhas – o filho mais velho de Júlia e Tristão da Cunha, Celso, que se revelaria ao mundo como um dos maiores especialistas em Língua Portuguesa, amigo de seus amigos, modelo de seus discípulos, orgulho de sua família.

Descendente de professores e de políticos, deixou claro no seu percurso ter herdado as duas vertentes familiares, ainda que tenha optado explicitamente pelo magistério, cabendo ao irmão mais moço, Aécio, a trajetória política dos Cunha.

Entretanto, nunca lhe faltou o tato político, que desfazia tensões, construía núcleos de interesse comum, congregava pessoas. Sua voz – baixa e suave – sempre foi ouvida respeitosamente.

Seu avô paterno criou, no final do século passado, em Teófilo Otoni, um Colégio que se tornaria célebre na região pela qualidade do ensino. O pai – antes de haver optado pela vida pública como Deputado que foi durante quarenta anos e Secretário de Estado, em Minas Gerais, pelo espaço de três governos – foi professor de alemão do Colégio Pedro II e proprietário do Colégio Anglo-Brasileiro, um dos mais conceituados educandários cariocas das primeiras décadas deste século, onde Celso Cunha iniciou a sua formação escolar.

Viveu a infância e a adolescência na Avenida Niemeyer entre o lar, o colégio e a praia, aproveitando naquele tempo, suas horas de lazer para nadar e jogar futebol, o que, segundo conta a tradição familiar, fazia bastante bem. Ao entrar para a Universidade, abandonou tais hábitos, voltando-se para o estudo e a leitura, atividades que lhe davam o maior prazer e o conduziram a uma vida sedentária.

Bacharelou-se em Direito (1938) e licenciou-se em Letras (1940) pela antiga Universidade do Distrito Federal (UDF), de que sempre falara com profundo orgulho, entusiasmo e saudade, como sendo "o belo e malgrado sonho de Anísio Teixeira"¹.

Nessa Universidade teve como mestres Jean Bourciez, Jacques Perret, Georges Millardet, então filólogos dos mais prestigiados, na Europa, trazidos ao Brasil

com o propósito de ajudar a criar o Curso Superior de Letras no país, e Antenor Nascentes e Sousa da Silveira, dois dos maiores expoentes no Brasil, amados e admirados de todos os que tiveram o privilégio de serem seus discípulos.

A Antenor Nascentes, professor de Filologia Românica, Celso Cunha devotou, ao longo da sua vida, o mais profundo respeito, entretecido de um grande carinho que deixava transparecer nas suas constantes referências ao modelo de probidade intelectual, de mestre incomparável e de homem de bem. É pelos olhos de Nascentes que vislumbra os caminhos da Dialectologia e do estudo da variante brasileira da Língua Portuguesa. Em 1941, publica o seu primeiro trabalho acadêmico, "Em Torno do Conceito de Gíria e Calão", na *Miscelânea em Honra de Antenor Nascentes*.

A Sousa da Silveira, professor de Filologia Portuguesa e seu orientador acadêmico em nível de doutorado, Celso Cunha deveu a sua opção pela Crítica Textual, o gosto pelos Cancioneiros Medievais e pela fidelidade ao texto escrito, que Sousa da Silveira soube transmitir como ninguém aos seus discípulos.

Celso Cunha pertenceu a uma geração de figuras proeminentes que mescla elementos de formação universitária específica com autodidatas de sólidos conhecimentos lingüístico-filológicos, como Antônio Houaiss, Olavo Nascentes, Othon Moacyr Garcia, Serafim da Silva Neto, Sílvio Elia, Gladstone Chaves de Melo, Rocha Lima, Mattoso Câmara Jr., entre outros.

Nome representativo das Letras no Brasil e no exterior, mitificado como um dos brasileiros que melhor dominava a Língua Portuguesa desde as origens, passando pela sua miscigenação na construção das pátrias que a têm como língua oficial, até a profundidade política que ela exerce em cada ato de fala, Celso Cunha foi pesquisador e autor de obras capitais na área da gíria e calão, da lírica medieval galego-portuguesa, crítica textual, versificação, português do Brasil, ensino de língua portuguesa, crioulo e proto-crioulo, análise intra e translingüística de textos camonianos, questões de língua e gramática.

Suas preocupações com a cultura e o ensino no país o levaram a assumir relevantes cargos públicos: Diretor da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (1956 a 1959), Secretário de Educação e Cultura do Governo Provisório do Estado da Guanabara (1960), Membro do Conselho Federal de Educação (1962–1966), Membro do Conselho Federal de Cultura (1986–1989).

Todo o seu saber foi coroado com a sua entrada para a Academia Brasileira de Letras (1987) e a escolha do seu nome como revisor do texto da atual Constituição do Brasil, promulgada em 1988.

Pertenceu a diversas Academias e Sociedades Científicas entre elas à Academia das Ciências de Lisboa, à Academia Mineira de Letras, à Academia de Filologia, ao Círculo Lingüístico do Rio de Janeiro, à Société de Lingüistique de

Paris, à Sociétté de Lingüistique Romane, à Association Internationale de Semiotique, à Hispanic Society of America, à Associação de Lingüística y Filologia de la América Latina, à Oficina Internacional de Información y Observación del Español.

Foi detentor de vários prêmios entre os quais o Prêmio José Veríssimo de Ensaio e Erudição, conferido pela Academia Brasileira de Letras, pela obra *O Cancioneiro de Martin Codax* (1956) e o Prêmio Moinho Santista de Filologia (1983).

Além de filólogo, Celso Cunha foi professor, PROFESSOR com todas as letras maiúsculas, pois assim gostava de ser conhecido e era assim que declarou, repetidas vezes, preferir ser lembrado.

Iniciou sua carreira no Colégio Pedro II, aos 17 anos, depois de já ter impressionado seus mestres enquanto aluno. Em 1952, aos 35 anos, tornou-se catedrático desse Colégio em acirrado concurso público de provas e títulos, substituindo então o seu querido mestre Antenor Nascentes.

Em 1957 assumiu também por concurso público a cátedra de Língua Portuguesa da Faculdade Nacional de Filosofia que, segundo as palavras proferidas na Aula Magna, quando de sua aposentadoria compulsória, fora o momento mais feliz de sua vida, momento em que considerava plenamente atingido o seu ideal de vida, o plano a que se traçara quando ainda freqüentava os bancos universitários, ou seja, conquistar pelas estradas largas e democráticas da competição pública as duas cátedras do ensino de língua no país de maior prestígio na época, a do Colégio Pedro II, representante da tradição centenária, enobrecida pelos filólogos do passado, e a da Faculdade Nacional de Filosofia, a grande esperança dos estudos do idioma. Nessa disciplina Celso Cunha substituiu o eminente filólogo Sousa da Silveira.

Aí lecionou durante trinta e dois anos, até às vésperas do seu falecimento. Nos últimos tempos de vida, com o seu estado de saúde precário passou a ministrar as aulas em nível de Pós-Graduação na sua própria casa, que abrigava uma biblioteca das mais raras e na especialidade uma das melhores do país, formada ao longo de toda a sua vida e que ele, generosamente, facultava aos discípulos e a todos que batiam à sua porta.

Foi leitor de português na Universidade de Paris (1952–1955) para onde retornou mais tarde na qualidade de Professor Associado (1970–1972 e 1983). Em 1966 foi Gastprofessor na Universidade de Colônia (Alemanha). Participou de Congressos, Simpósios e Seminários, apresentou conferências e ministrou aulas sobre temas lingüísticos, filológicos e literários, em Universidades brasileiras e estrangeiras, em Centros e Institutos especializados desde 1949. Foi o organizador de alguns, como o I Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro, na Bahia (1956), Simpósio de Filologia Românica, no Rio de Janeiro (1958), I Congresso

Brasileiro de Dialectologia (1958) e o XV Congresso de Lingüística e Filologia Românica, no Rio de Janeiro (1977).

Foi amigo de grandes lingüistas e filólogos do mundo como comprovam as centenas de cartas que integram seu acervo.

Sua obra apresenta três nítidas vertentes: a filológica, a dialectológica e a gramatical.

O título de filólogo, afirmara ele em certa ocasião, "representava ao seu tempo o maior galardão que podia almejar um estudioso do idioma em Portugal e no Brasil"². Os modelos que seduziram sua época foram os de Leite de Vasconcelos, Carolina Michaelis, Adolfo Coelho, Gonçalves Viana, Epifânio Dias, Sebastião Dalgado, José Joaquim Nunes, mestres insígnies que tanto dignificaram o saber nas Universidades de Lisboa e de Coimbra. Daí ser natural que o primeiro aspecto da sua obra fosse consagrado à lírica trovadoresca, tornando-se assim uma das maiores autoridades do mundo no assunto, como comprovam as edições críticas do *Cancioneiro de Paay Gómez Charinho* (1945), *Cancioneiro de Joan Zorro* (1949), *Cancioneiro de Martin Codax* (1956), consideradas modelares pelo seu aparato filológico. Acompanhou essas edições um estudo fundamental sobre versificação na língua galego-portuguesa medieval que intitulou *À Margem da Poética Trovadoresca. O Regime dos Encontros Vocálicos* (1950). Seguiram-se a essas obras diversos artigos e comunicações que veio a reunir em livro como *Estudos de Poética Trovadoresca. Versificação e Ecdótica* (1961), *Língua e Verso* (1963), *Estudos de Versificação Portuguesa (séculos XIII a XVI)* (1982), obra que representa a culminância dos seus estudos de versificação medieval, e *Significância e Movência na Poesia Trovadoresca* (1985).

Enquanto dialectólogo dedicou-se ao estudo da modalidade americana do português sempre dentro da superior unidade da língua portuguesa, com vista à elaboração de uma história da língua portuguesa no Brasil, obra esta que a saúde infelizmente não o deixou realizar. Entretanto são marcos dessa fase trabalhos como *Camões e a Unidade da Língua* (1957), *Uma Política do Idioma* (1964), *Língua Portuguesa e Realidade Brasileira* (1968), *Língua, Nação e Alienação* (1981), *Em Torno do Conceito de Brasileirismo* (1987). Nessas obras abordou de forma atualíssima questões como as da norma culta, dos crioulos e dos destinos da língua portuguesa no mundo.

Digno de reflexão o fato de que, embora a Filologia tenha sido a sua primeira e grande paixão, foi a Dialectologia que se deixou ficar mais fortemente nas preocupações acadêmicas de seus discípulos. Hoje, na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, dois grupos de professores de Língua Portuguesa mantêm viva a voz do ilustre mestre. Um deles dedica-se ao estudo da Norma Urbana Culta do Rio de Janeiro (Projeto NURC) e o outro, à Linguagem Popular no Estado do Rio de Janeiro (Projeto APERJ).

Sua produção científica na área da Crítica Textual e do Português do Brasil mereceu dos especialistas nacionais e internacionais os maiores elogios.

As pessoas que não conheceram Celso Cunha como filólogo ou dialectólogo por certo conviveram com o gramático. Esta a face da sua obra de maior divulgação.

Livros de consulta obrigatória, e também aqueles que o popularizaram entre brasileiros e portugueses, foram a *Gramática do Português Contemporâneo* (1970), *Gramática da Língua Portuguesa* (1972) e a *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (1984–1985), esta última escrita em colaboração com um dos seus maiores amigos, Luís Filipe Lindley Cintra, professor da Universidade de Lisboa.

Essas gramáticas são o resultado dos estudos importantíssimos realizados nos *Manuais de Português*, destinados ao ensino da língua do Admissão à 4ª série ginasial e em *Português Através de texto: Estilística e Gramática Histórica*, escrito em coautoria com o seu dileto amigo mineiro Wilton Cardoso.

Homem afetuoso, de uma generosidade discreta, delicado nos gestos, grande conversador que encantava a todos que o ouviam, um mestre bondoso que abria as portas do seu saber a quantos nela batessem. Tinha sempre o que ensinar, dono que era de um patrimônio intelectual tão variado quanto profundo.

Habitado a trabalhar no mais absoluto silêncio, começava a se preparar para a atividade intelectual lá pelas 22 horas e só parava nos albores do dia, após ler os jornais. Costumava intercalar suas leituras filológicas e linguísticas com a de grandes poetas das literaturas brasileira, portuguesa e francesa. O gosto pela poesia foi provavelmente herança do avô materno, que costumava sentar-se com ele, ainda adolescente, num banco do jardim de sua casa para juntos lerem os poetas latinos, ou ainda legado de seu pai, leitor apaixonado dos poetas franceses e portugueses.

A seriedade profissional de que se revestia Celso Cunha o obrigava a assinar as melhores revistas na área da sua especialidade. Não só adquiria as obras que acabavam de sair, mas também as lia criticamente. Desejava estar a par da ciência do seu tempo, ser um homem do seu tempo no difícil exercício de ser a ponte entre o passado e o presente, concretizando assim os versos de Carlos Drummond de Andrade: "não serei o poeta de um mundo caduco... o tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente"³. Daí os trinta mil volumes que integram o acervo de sua biblioteca filológico-linguístico-literária, formada ao longo de 59 anos, impecavelmente encadernados que fazem parte, hoje, da Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde Celso Cunha iniciou como aluno de Direito, depois aluno de Letras, professor do Curso de Jornalismo e do Curso de Letras, professor Catedrático e professor Emérito, após sua aposentadoria compulsória.

Uma das facetas de Celso Cunha que mais fascinava ou intrigava seus amigos e parentes era a maneira com que ele tecia o mais legítimo saber sobre as coisas que

lhe perguntavam, com uma superstição sempre explicada de um modo surpreendente. Prova disso: trazer junto um rosário da Irlanda, que se misturava em seu bolso com fitas do Senhor do Bonfim e com uma figa da Guiné.

Havia também o número sete, que ele tentava banir da sua vida. Daí o seu repúdio ao sete e a tudo que somasse sete, como o caso do edifício em que morava de número dezesseis – um mais seis igual a sete – ter sido renumerado pela prefeitura, depois de uma alentada argumentação que para tanto encaminhara.

Dos dias da semana, Celso Cunha dedicava à sexta-feira as decisões difíceis e melindrosas, pois, segundo a predição de uma cigana em Paris, este o seu dia de sorte.

Não sei as malhas que o acaso tece. Mas a madrugada que o trouxe, foi ela que o levou, madrugada chuvosa de uma sexta-feira, dia 14 de abril de 1989. Partiu calmo, sereno, como convém a quem cumpriu galhardamente a sua missão, deixando, no coração de todos que o conheceram, uma saudade imensa e um vazio que jamais serão preenchidos, nas Letras brasileiras, a certeza de que elas perderam um dos seus maiores filólogos e lingüistas de todos os tempos.

Mas um homem como Celso Cunha não morre de todo. E isso não é apenas consolo para sua família, mas segurança para os que fazem do conhecimento a sua bandeira.

Dele ficou o modelo ditado pela sua conduta humana e intelectual, a sua entrega por inteiro ao fazer docente, o seu modelo de probidade intelectual, a seriedade devotada à pesquisa científica. Dele ficou, também, o bibliófilo que com sacrifício construiu, manteve e sustentou a sua biblioteca que invadiu todos os cômodos da sua casa, do chão ao teto, o que bem retrata a plenitude do seu saber não estreitado pelos limites da especialização. Essa biblioteca vem inaugurar o acervo de bibliotecas especiais da Faculdade de Letras da UFRJ. Dele ficou, ainda, a sua obra reconhecida nacional e internacionalmente, a crença na redenção do homem pelo estudo e a esperança de construção de uma pátria que seja orgulho para seus filhos.

NOTAS

1. CUNHA, Celso. Presença de Antenor Nascentes. *Revista Romanitas*, 12-13:43, Rio de Janeiro, 1975.
2. Opus cit. p. 43.
3. ANDRADE, Carlos Drummond de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1964. p.11.
